

A POLIDEZ INDICIANDO A MULTIFUNCIONALIDADE DO VERBO *ACHAR*

Juliana dos Santos*

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que foi desenvolvida no Mestrado em Estudos Linguísticos (PPGEL-UFES). Tivemos por objetivo analisar a multifuncionalidade o verbo *achar*, sob uma perspectiva sincrônica e para tanto testamos a hipótese de que o este verbo assume funções diferentes a partir dos diversos usos, valemo-nos do *corpus* do Português Falado na cidade de Vitória (PORTVIX). Tomamos como ponto de partida os estudos funcionalistas que discutem a mudança semântica de itens lexicais que é um processo de gramaticalização. Nosso olhar toma por base os estudos de Traugott e Dasher (2005) que versam sobre o processo de gramaticalização, apontando o conceito de subjetividade dentro desta perspectiva. Isso se deu por observarmos que o falante ao fazer uso do verbo *achar* expressa sua individualidade, coloca sua opinião no discurso e, também, convida o interlocutor a assumir com ele sua visão. Acreditamos que o verbo *achar* é uma expressão de polidez e, de acordo com o *corpus*, muito mais utilizada por falantes universitários. Talvez isso se dê por haver a necessidade de preservação de face, isto é, por muitas vezes afastar-se de um comprometimento com suas declarações ou ainda não prejudicar a própria imagem ou do interlocutor. Este trabalho se justifica na medida em que ao seu término teremos um estudo sobre a multifuncionalidade do verbo *achar* no PORTVIX.

Palavras-chave: Polidez. Preservação de face. Gramaticalização. Subjetividade. Verbo *achar*.

Abstract: This study aims to analyze multifunctionality find the verb to find, as a perspective for both synchronous and tested this hypothesis in the *corpus* of Portuguese spoken in the city of Vitoria (PORTVIX). In this study, we take as a starting point the multifunctionality studies that discuss the semantic change of lexical items that's a process of grammaticalization. Our look builds on the studies of Traugott and Dasher (2005) that deal with the process of grammaticalization, pointing the concept of subjectivity within this perspective. It was in observing the speaker to make use of the verb find express their individuality, expressing his opinion in speech, and also invites the recipient to take with him his vision. We find that the verb is an expression of politeness and, according to the *corpus*, much used by graduated ones. Perhaps it should be made for having the need of preservation of the face, that is, often away from a commitment to their statements or not to harm the image of itself neither the speaker. This work is justified to the extent that at the end of this, we will have a multifunctional display of the verb to think in PORTVIX.

Keywords: *Politeness. Preservation of face. Grammaticalization. Subjectivity. Verb to find.*

* Departamento de Línguas e Letras/CCNH/UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. jusletras@yahoo.com.br. Orientação: Prof^ª Dr.^ª Lúcia Helena Peyroton da Rocha.

Introdução

Este trabalho parte do princípio de que a língua é dinâmica e do pressuposto de que toda gramática tem de se refazer a todo momento. Nessa perspectiva, o ato comunicativo é o lugar de interação e nele os sujeitos expressam-se e colocam-se no discurso a fim de marcar sua individualidade. Na interação, falante e ouvinte constroem os significados dos itens lexicais e estes, diacrônica e sincronicamente, podem ganhar novos sentidos que são negociados pelos envolvidos no processo da comunicação. Essa mudança semântica tem sido discutida sob o prisma da gramaticalização.

Os linguistas funcionalistas norte-americanos asseguram que um item não precisa sair do campo do léxico para a gramática para confirmar a gramaticalização, pois num *continuum* de mudança ele pode passar por estágios que já indicam o fenômeno. O fato de não atingir o princípio da decategorização, mas ocorre o deslizamento semântico. Caso haja mudança semântica, podemos falar em um *continuum* de gramaticalização.

Nesta pesquisa, investigamos a mudança sincrônica do verbo *achar* e testamos essa hipótese no *corpus* do Português Falado na Cidade de Vitória, doravante denominado PORTVIX.

O verbo *achar* será analisado, neste trabalho, a partir de diferentes situações de comunicação real, produzida em ato de interação, e organizada, segundo mecanismos capazes de marcar a relatividade da relevância dos diferentes eventos e entidades que se seguem no discurso.

Neste trabalho, tomamos como ponto de partida os estudos funcionalistas que discutem a mudança semântica de itens lexicais, que é um processo de gramaticalização. Entretanto, nosso olhar toma por base os estudos de Traugott e Dasher (2005), que versam sobre o processo de gramaticalização, apontando o conceito de subjetividade dentro desta perspectiva. Isso se deu por observarmos que o falante, ao fazer uso do verbo *achar*, expressa sua individualidade, coloca sua opinião no discurso e, também, convida o interlocutor a assumir com ele sua visão.

Para dar conta da análise que pretendemos empreender um objetivo geral pode ser claramente delineado: analisar a gramaticalização do verbo *achar* sob o ponto de vista da subjetivação e intersubjetivação. Daí alguns objetivos específicos se circunscrevem: (i) fazer um levantamento sobre os processos de gramaticalização do verbo *achar*; (ii) analisar o comportamento do verbo *achar* nas células do Português Falado na Cidade de Vitória; (iii)

estabelecer relações entre as noções de subjetividade e intersubjetividade no uso do verbo e os deslizamentos funcionais observados nas diferentes ocorrências.

Partimos da hipótese de que, no *corpus* do PORTVIX, o verbo *achar* deixa seu sentido pleno e passa a assumir novos comportamentos de acordo com a necessidade comunicativa e de expressão dos falantes, como ocorre nos demais *corpora* já analisados. Vale ressaltar que o verbo *achar* também funciona como marcador de opinião e como marcador de dúvida e que, nesses casos, o falante parece valer-se de dados contextuais convidando seu ouvinte a atribuir ao enunciado um valor diferente do seu sentido literal.

Alguns trabalhos sobre o verbo *achar* no Brasil

O levantamento bibliográfico dos estudos realizados no Brasil que utilizaram a base teórica do funcionalismo norte-americano evidenciou a existência de alguns trabalhos que muito contribuirão para esta pesquisa. O trabalho desenvolvido por Casseb-Galvão (2000), que analisou os *corpora* do NURC e do RONDON, além do sentido pleno de *encontrar*, *procurar*, *descobrir*, constatou que o verbo *achar* apresenta novos usos com as seguintes propriedades dentro do *continuum*: *considerar*, *pensar*, *afirmar*; *supor*, *é possível*; *talvez*, *provavelmente*. A autora considera que os “elementos estão em estágios diferenciados de gramaticalização e estão localizados em pontos diferentes do *continuum*” (CASSEB-GALVÃO, 2000, p. 58); e evidencia que o comportamento desses verbos quanto à gramaticalização reflete as atitudes e opiniões dos falantes.

O outro trabalho, que também muito contribuiu para nossa pesquisa é o de Freitag (2003), que analisou o *corpus* VARSUL e observou que no *continuum* proposto, por hipótese, para a gramaticalização, o verbo *achar* é um marcador de opinião, passando a marcador de dúvida.

Freitag (2003) acredita que o verbo *achar* está em um *continuum* de gramaticalização cujo extremo é a modalidade epistêmica de incerteza e dúvida.

Votre (2004), por sua vez, preocupa-se em identificar e analisar os sentidos que o verbo *achar* assume com maior frequência em cláusulas com complemento oracional. Pretende, também, verificar se ocorre gramaticalização com a expressão epistêmica *eu acho* quando se encontra no final da cláusula, deixando de ser oração principal e passando a ser interpretada como parentético epistêmico.

Sobre o verbo *achar* como parentético epistêmico, Votre (2004) considera que a gramaticalização ocorre porque um elemento nuclear é reanalisado como um elemento satélite. A expressão sofre ressemantização com perda de significação lexical de sua forma verbal e um consequente ganho de significação gramatical, podendo ser interpretado como compreendendo uma subcategoria gramatical de advérbios. Como no exemplo: “aí eu estava no colégio... era... aula de ciências... *eu acho*...”.

O estudo de Gonçalves (2006) foca os predicados de atitude proposicional, que são predicados que tomam por escopo uma proposição para, sobre a verdade que o falante veicula, incidir a atitude de crença do falante. O autor amplia a concepção de gramaticalização quando cita Bybee (2002), para quem parece ser mais adequado dizer que é a construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada.

Outro ponto abordado por Gonçalves (2006) e pautado nos estudos de Traugott e Dasher (2005) é a subjetividade, entendida como conjunto dos mecanismos que as línguas naturais colocam à disposição do agente locucionário para a *expressão de si mesmo* e de suas atitudes e crenças. Através da modalidade epistêmica ou evidencialidade, são identificados o grau de comprometimento do falante e algo sobre a fonte do saber em que tal conteúdo se sustenta.

De acordo com Martelotta e Leitão (1996, p. 299), a expressão *eu acho* modaliza o discurso no sentido de que expressa a insegurança do falante em relação ao que se fala. Vê-se que há uma concordância entre os autores e os estudos de Freitag, para quem essa expressão é um marcador de dúvida.

Gramaticalização

Martelotta *et al* (1996, p. 46) afirmam que

gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática (MARTELOTTA *et al*, 1996, p. 46).

Um exemplo muito discutido em trabalhos recentes é o da “trajetória de vocábulo a morfema, que ocorre, por exemplo, com a passagem *amar* + *hei* > *amarei*; e *tranquila* + *mente* > *tranquilamente*” (MARTELOTTA, 2006, p. 46, grifos dos autores).

Neves (2004) cita Heine e Reh (1984) para mostrar que há três níveis da estrutura linguística afetados pela gramaticalização - o funcional, o morfossintático e o fonético. Trabalharemos aqui o nível funcional, que passa por processos de dessemantização.

Um aspecto a ser observado na gramaticalização é o processo unidirecional. Como afirma Neves (1997, p. 121): “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”.

Os teóricos cujas abordagens serão seguidas neste trabalho são os da corrente funcionalista, pautadas no uso, para tanto recorreremos a Hopper e Traugott (1993), Heine (2006), Bybee (2003) e Traugott e Dasher (2005).

Linguística baseada no uso

Heine (2006) afirma que a teoria da gramaticalização oferece uma explanação de como e porquê as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem. O linguista afirma que há quatro mecanismos inter-relacionados, envolvidos nas expressões linguísticas, que são:

- (1) Dessemantização: perda do conteúdo significativo;
- (2) Extensão: uso em novos contextos;
- (3) Decategorização: perda de características morfossintáticas da forma fonte, inclusive de *status* de palavra independente (cliticização, afixação);
- (4) Erosão: perda fonética.

Cada um desses mecanismos está relacionado com um aspecto diferente da estrutura da língua ou do seu uso, ligado à semântica, pragmática, morfossintaxe e fonética. Embora os mecanismos mostrem perdas nas propriedades dos itens linguísticos, há também ganhos de características próprias dos seus novos contextos de uso.

Heine (2006) acredita que há três estágios que se desenvolvem nesse processo:

- (1) Há a expressão linguística A que é “recrutada” para gramaticalização;
- (2) Essa expressão adquire um segundo uso padrão, B, em que há ambiguidade entre A e B;
- (3) Finalmente, A se perde, isto é, há agora somente B.

O autor afirma que há alguns itens que se prendem no segundo estágio. No entanto, se alcança o terceiro estágio, o item B se torna uma nova categoria gramatical. Heine (2006) assume que há gramaticalização quando um item pode ser usado em um novo contexto no qual não poderia ser usado previamente, o que acontece por motivações pragmáticas. O fato de A não desaparecer não invalida o processo de gramaticalização.

Um outro trabalho muito importante para o nosso estudo é o de Hopper e Traugott (1993). Para eles, a gramaticalização deve ser estudada em duas perspectivas: diacrônica, que é a mudança em dois ou mais pontos no tempo; e sincrônica, que observa a estrutura num simples ponto no tempo.

Na perspectiva histórica, os autores investigam as fontes das formas gramaticais e os caminhos típicos das mudanças que as afetam. Há, então, a ideia de um *continuum* de mudança linguística, através do qual um item lexical, em certos usos, se torna um item gramatical, ou um item gramatical se torna ainda mais gramatical.

A perspectiva mais sincrônica vê a gramaticalização como um fenômeno primariamente sintático, discursivo e pragmático. É um estudo de um ponto de vista de padrões fluidos no uso da língua.

Os linguistas defendem que as formas estão gramaticalizadas quando os itens lexicais assumem características de itens gramaticais e afirmam que o que é gramaticalizado não é unicamente o item lexical, mas toda a construção incluindo a palavra.

A literatura que versa sobre esse tema, comumente, conceitua a gramaticalização como um processo de mudança linguística em que um item lexical passa a gramatical ou um item gramatical passa a exercer função ainda mais gramatical. As análises que estão sendo feitas no *corpus* indiciam que o verbo *achar* está em processo de gramaticalização, uma vez que o verbo, além do sentido pleno, está adquirindo usos mais abstratos como *pensar*, *considerar*, *afirmar*, *supor*, sendo usado, até mesmo, com o sentido de *talvez*.

Gramaticalização, Polidez e Subjetividade

Martelotta (2008b) propõe um novo olhar a respeito do processo de gramaticalização. O linguista considera que falante e ouvinte negociam sentido de maneira interativa e por isso há mudanças que surgem por subjetificação e intersubjetificação. Interessou-nos, então, uma verificação desse novo olhar, contudo carecíamos de fundamentação para elucidação dessa proposta. Para que isso fosse possível, recorremos ao que foi exposto por Traugott e Dasher (2005) e aos pressupostos da Pragmática, quanto aos atos de fala e preservação de face.

Goffman (1980) versa sobre a elaboração de face em contatos sociais, nos quais as pessoas tendem a seguir certa linha, ou seja, padrões verbais ou não-verbais que expressam a visão particular do indivíduo a respeito de cada situação. Para o autor,

Face pode ser definida como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados (GOFFMAN, 1980, p. 76-77).

Toda construção de face apóia-se na intenção seguida por alguém e nos julgamentos transmitidos pelos participantes do contato, que poderão pedir uma face diferente baseada na natureza do encontro. Se existe um menor grau de intimidade entre os participantes, há um distanciamento entre eles e uso de palavras que expressem maior polidez. Caso os participantes do contato comunicativo tenham maior intimidade, há de esperar uma maior proximidade usando termos mais coloquiais e, muitas vezes, dispensando certas formalidades. Outro elemento que molda a face do indivíduo é o lugar social que ele ocupa, uma vez que a própria sociedade impõe uma face por esperar certos comportamentos das pessoas.

Há duas expressões que são fundamentais neste processo: (I) “perder a face”, que pode ser usada quando alguém está na face errada, isto é, sente-se envergonhado pelo que disse, comete uma gafe ou, até mesmo, quando humilha alguém; (II) “salvar a face”, que se refere ao processo de salvar a autoimagem, corresponder às expectativas dos participantes da interação.

Brown e Levinson (1987) dizem que a noção de face é muito abstrata, por isso eles explicam que há dois tipos específicos de desejos de face atribuídos pelos interlocutores. A face negativa seria o desejo de ser desimpedido de suas ações. Já a face positiva seria o desejo de aprovação.

Os autores consideram que os conceitos de face podem ter especificações culturais de atos que ameaçam e protegem a face. As noções de face estabelecem uma ligação com algumas ideias mais fundamentais sobre a natureza cultural da personalidade social, honra e virtude, vergonha e resgate, como também, conceitos religiosos.

Os pesquisadores asseguram que sua pesquisa parece apoiar-se em três fatores sociológicos para determinar o nível de polidez que o falante irá utilizar para um destinatário, que são: (I) o poder relativo do destinatário sobre o falante; (II) a distância entre falante e destinatário e (III) o nível de imposição envolvido em fazer o FTA.

Brown e Levinson (1987) trabalham com uma espécie de hierarquia de polidez que pode ser estudada a partir da avaliação subjetiva da polidez percebida e asseguram que há estratégias misturadas ao discurso que se comportam como marcadores de polidez positiva ou negativa.

Acreditamos que o verbo *achar* é uma expressão de polidez e, de acordo com o *corpus*, muito mais utilizada por falantes universitários. Talvez isso se dê por haver aí a necessidade de preservação de face, isto é, de afastar-se de um comprometimento com suas declarações ou, ainda, não prejudicar a própria imagem ou a do interlocutor.

Traugott e Dasher (2005) afirmam que a subjetificação é um fator em mudança que se torna de interesse particular no contexto da discussão de gramaticalização. Eles consideram a subjetificação como o maior tipo de mudança semântica, dela dependendo a intersubjetificação, pois esta não pode ocorrer sem aquela. Na visão dos autores, subjetificação é associativa e metonímica ao ato comunicativo do falante, mais especialmente da atitude do falante. Essa atitude pode ser em direção a outros referentes, como no caso de pejorativas ou melhoramentos. Linguisticamente, mais interessante é a expressão de atitude do falante em direção à factualidade ou a proposições (marcado, por exemplo, por modalidade epistêmica como probabilidade e evidencialidade) e em direção a postura retórica argumentativa. Além do mais, os linguistas afirmam que subjetificação envolve tipicamente a tomada explícita de atitude do falante.

A abordagem de Traugott e Dasher (2005) explora um leque de escolhas linguísticas, incluindo modais, dêiticos e advérbios, e não só aquelas restritas à estrutura do evento. Na visão deles, subjetividade terá manifestações diferentes em diferentes partes do sistema linguístico e podem ser mostradas de formas diferentes em discurso estratégico na estrutura conceitual descontextualizada. Frequentemente, a maior parte da expressão não é nem subjetiva nem objetiva em si mesma, mas é na fala e em seu contexto que se ancora a determinação da subjetividade.

Traugott e Dasher (2005) advogam no sentido de que nas construções linguísticas relevantes o assunto objetivamente perfilado pode também ser atenuado no processo de subjetificação. Para eles, esta é uma questão de mudança de construção que é consistente com a direcionalidade da mudança semântica discutida no trabalho, ou seja, que vai de menos a mais subjetivo. De acordo com os autores, se ocorre subjetificação alguns lexemas são semanticamente enriquecidos, resultando em expressões explícitas de subjetividade recém-semantizada.

Os autores reforçam que não pode haver intersubjetificação sem algum grau de subjetificação. Isso acontece porque os falantes expõem os pontos de vista no processo de negociação interacional da produção discursiva, e quando esses pontos de vista decodificados vêm do sinal de atenção especial para o ouvinte, ocorre intersubjetificação.

Metodologia

A escolha das entrevistas do Português Falado na cidade de Vitória como *corpus* para análise se deu pela necessidade de trabalhos que verifiquem as ocorrências na fala capixaba, como já acontecem nos falares de outros estados brasileiros. Consideramos de extrema importância a investigação de fenômenos que são recorrentes no português brasileiro e por isso não poderíamos deixar de verificar o processo de gramaticalização no PORTVIX.

Objetivando delimitar a análise nesta pesquisa, trabalhamos com as quatro células de informantes universitários, do sexo masculino e feminino, com idade entre 26 e 49 anos e acima de 50 anos. Essa escolha se deu em função de essas células evidenciarem um elevado uso da estrutura. Isso se dá por se tratar de falantes que a utilizam como um modalizador e para preservar a face na interação. É, a partir da observação e análise dessas células, que discutiremos os indícios de gramaticalização que acontecem pelos efeitos da subjetividade e da intersubjetividade.

A escolha desse grupo de informantes se deu por observarmos que a maioria dos estudos considera esse grupo, o que pode gerar trabalhos comparativos e reforçar a hipótese de gramaticalização do verbo *achar* em todo Brasil. Oliveira (1996, p. 149) concorda com Traugott e Heine (1991) quando dizem que “formas linguísticas mais recursivas tendem com maior probabilidade à gramaticalização”. A autora também considerou informantes do 3º grau para sua pesquisa sobre a *Gramaticalização na Repetição*, por admitir que é uma variável com maior interferência na determinação das funções reguladoras da repetição.

Geralmente, os informantes do 3º grau ocupam um papel social que requer, muitas vezes, uma fala mais polida e isso gera a preservação de face, reforçando nossa escolha.

Como já foi dito anteriormente, categorizaremos as ocorrências do verbo *achar* no PORTVIX de modo semelhante ao trabalho de Casseb-Galvão (2000), cuja análise demonstrou que esse verbo comportou-se como: (I) encontrar/procurar/descobrir; (II) considerar/pensar/afirmar; (III) supor/é possível; (IV) talvez, provavelmente.

Porém, optamos por agrupar as ocorrências por grupo de sentidos correlatos, que assim foram nominados e exemplificados:

(P) Prototípico. *Não foram encontradas ocorrências no corpus.*

(C) Considerar, pensar. *“Algumas ambulâncias, **acho** que até funcionam da prefeitura de Vitória”.*

(S) Supor. *“**Acho** que eu ‘taria’ no oitavo período”.*

(A) Afirmar. *“Eu **acho** que o cinema ‘tá’ perdendo”.*

(D) Dúvida, talvez. *“**Acho** que subiram duas viaturas aqui perseguindo”.*

(S/C) sem classificação. *“**Acho** que é pra...”.*

Desta forma, pretendemos constatar a multifuncionalidade e o uso do verbo em diferentes contextos como modalizador ou como marcadores de opinião ou dúvida, passando pelos processos de subjetividade. Consideramos que quando o falante deseja preservar a face ele faz uso do verbo na categoria *pensar, considerar*.

Algumas das ocorrências analisadas

Para analisarmos o que nos propomos, foram feitos recortes nas entrevistas dos trechos em que aparecia a forma *acho*, a fim de observarmos o comportamento do verbo nas diversas ocorrências. Preocupamo-nos em verificar sua multifuncionalidade e constatar sua utilização por motivações subjetivas e por preservação de face.

Célula 40 – Homem entre 26-49 anos – com curso superior

E2: Você falou que em relação ao transporte, aqui no bairro de (Taboazeiro) atende até bem. Como você avaliaria a administração dos demais... dos demais bairros aqui de Vitória? Você pode tê uma noção?

*I: Olha, é: é aquilo que eu te falei. Ônibus eu tô meio por fora. Até preço de passage eu tô por fora. Eu andava bastante de ônibus, bastante mesmo. Eu só andava de ônibus. Mas depois que eu comprei o carro, eu parei. Mas eu num tenho muita noção, não. Bairros distante assim eu não vou de ônibus. É muito difícil. Eu já vi pessoas reclamarem, principalmente/é/no final de semana, de transporte, né? Mas eu acredito que atende bem. Tem bastante linha, essas/esse microônibus que/quê começaram a circulá também. Eu acredito que atende bem. Eu já/ da minha profissão, já andei em bastante lugar, morros muito altos em que/eu já vi ônibus lá em cima. Intão, eu **ACHO** que (inint) sim.*

Há um caso de afirmação no uso do verbo. Observa-se que o falante primeiro se justifica quanto a não utilização de ônibus, depois argumenta tomando como base as observações feitas quando está trabalhando mesmo em lugares que poderiam ser menos favorecidos. Após essa condução da argumentação, é usado o termo *então* que é um advérbio que especifica uma situação e funciona como um operador argumentativo introdutor da resposta final que é a sua opinião. Para não falar simplesmente que *sim*, que há um bom atendimento do serviço de transporte, o falante modaliza sua fala inserindo a estrutura *eu acho que*, se resguardando, ou seja, salvando sua face.

Célula 42 – Mulher entre 26-49 anos – com curso superior

*I – Foi por que ela ela precisava mesmo assim assim interrompê toda hora a entrevista. E pronto e foi assim que aconteceu o negócio. Eu sei que ela é uma pessoa maravilhosa; eu sou grata a ela demais, por que ela me ajudou demais; depois ela quis fazê avaliação com psiquiatra pra sabê se ela/ por que ele/ ela levava, leva esse meu problema pra médicos de de São Paulo, especialistas, entendeu? É: então ela tem um grupo de chamado/ um gr/ um grupo de pessoas que, ou em São Paulo ou aqui em Vitória, se reúnem, num sei se é de 1 vez por mês, ou de 15 em 15 dias, ou toda semana, num sei muito bem. Não toda semana num é não, por que ela às vezes viaja quase toda semana pra dá aula fora. Às vezes é... eu **ACHO** que é 1*

vez por mês ou de 15 e 15, num sei. Então, eles se encontram, entendeu? Então ela leva o meu problema. Então, os médicos estão assim com uma uma uma/ tipo de remédios que a pessoa, é assim: quando uma pessoa tem muitos anos que cê sente uma dor, muitos anos, então é: grava no no seu o na sua memória, a memória, grava no neurônio (...)

Neste caso, o próprio contexto nos ajuda a categorizar o verbo como uma dúvida. Antecedendo o verbo, a expressão *às vezes* e a forma verbal *é* parecem ser elementos que organizam o pensamento a fim de conduzir a argumentação de sua resposta adequadamente. Seguindo a estrutura analisada, há o uso da expressão *num sei*, que reforça a dúvida do trecho. Além disso, há também a questão do tempo, separada pela conjunção alternativa *ou*, que indica essa incerteza da informante.

Célula 43 – Homem com + 50 anos – com curso superior

E 1 — e você... sabe assim... o que que ele poderia fazer pra melhorar::... o::

I — por que... por exemplo isso aí você pelo/ pelos/ pelos conSUMos né... o Nordeste por exemplo... um consumo altíssimo de farinha... o que significa a farinha... nada... (ela) não tem absolutamente... então tem que ter/ ter alguma coisa balanceada onde você tenha... é proteínas sais minerais et cetera... frutas verduras legumes et cetera... (inint) mesmo nós... né? o pessoal que já tem... um poder aquisitivo um pouquinho melhor::... a comida é horrorosa né?... tanto que você vê que:: isso é verdade que:: problema cardíaco é uma das coisa que mata mais né... taxa de colesterol lá em cima por causa de que?... falta de exercício... por causa de alimentação inadequada... então realmente nossa... alimentação É muito inadequada

E 2 — mas por que que:: tem a::?

*I — eu **ACHO** que é cultural*

Mostrou-se necessária a inserção do contexto anterior a esta pergunta para que o evento fosse mais bem analisado, até porque a pergunta isolada não esclarece a intenção da resposta do informante. Categorizamos essa ocorrência com o sentido de *pensar, considerar*. É muito claro o uso tanto da subjetividade como da intersubjetividade, nesse contexto, e o desejo de não parecer impositivo na sua opinião.

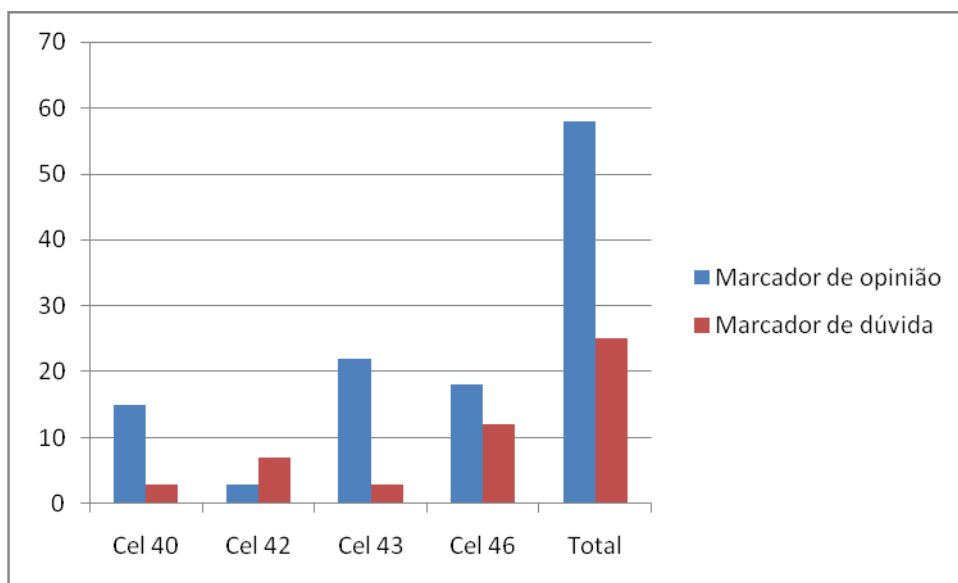
Célula 46 – Mulher com +50 anos – com curso superior

El – Você acha que assim, que quando os pais não vivem bem, é melhor pró filhos que os pais se separarem de uma vez?

*I – Se separem é melhor, se separa, se não vive bem, porque eu **ACHO** que os filhos devem sofrer muito, pai e mãe morando junto só brigando, aquela confusão todo tempo, é pior pró filhos que se vivesse logo separado.*

Nota-se que nesta ocorrência o verbo conduz uma argumentação, introduzindo a explicação de sua fala anterior. Neste caso, *achar* equivale a *pensar*, *considerar*. Expressando a individualidade, a subjetividade do falante e o desejo de ser polido.

Constatações das análises das células



58 eventos foram categorizados como marcadores de opinião, correspondendo a 69,05% das ocorrências. 25 eventos foram categorizados como marcadores de dúvida, num total de 29,76%. Apenas um evento ficou sem categorização representando 1,19%.

Vemos, assim, que no PORTVIX predomina o uso do verbo *achar* como marcador de opinião.

Considerações finais

É importante ressaltar que em nossas análises pudemos separar as categorias semânticas do verbo *achar* em dois grupos de marcadores. Quando tem valor de *afirmar*, *considerar* ou *pensar* em que se têm os *marcadores de opinião*. Já quando equivale ao verbo *supor* ou aos advérbios *talvez*, *provavelmente*, temos os *marcadores de dúvida*. Por se tratar de um *continuum*, o limite entre uma categorização e outra é muito tênue, por isso essa divisão em grupo de marcadores corresponderá melhor ao processo de gramaticalização. Houve dessemantização, como assegura Heine (2006), ou seja, perda do conteúdo prototípico, mesmo quando o verbo *achar* não aparece com o pronome pessoal ou com a conjunção *que*.

Outro fator de grande relevância aponta para o que foi dito por Heine (2006), que para haver gramaticalização não é necessário que um item A desapareça. Vemos que há ambiguidade do verbo *achar* e, mesmo assim, ele parece estar no *continuum* da gramaticalização. Nas células analisadas, a forma *acho* não foi utilizada no sentido prototípico. Parece-nos que isso ocorre porque é um contexto de entrevistas e o que coopera com isso é a utilização por preservação de face, pois a forma é usada como opinião, por exemplo.

Outro aspecto que colaborou para a multifuncionalidade do verbo foi o desejo de não ameaçar a face dos participantes do processo comunicativo. Vimos que na maioria dos casos no PORTVIX ocorre a subjetividade, ou seja, a expressividade está centrada na perspectiva do falante. Mas ocorre também a intersubjetividade quando os interlocutores negociam o sentido e, através da polidez, desejam preservar a face do falante e não ameaçar a face do outro.

O estudo com o PORTVIX colaborou para a verificação de fenômenos recorrentes no português do Brasil e que são de grande relevância para o funcionalismo. Espera-se, desta forma, contribuir para os estudos linguísticos que envolvem o uso efetivo da língua e suas regularidades.

Referências

ABRAÇADO, Jussara. *A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização*. Belo Horizonte: Revista Scripta, 2006. v. 9, n. 8, p. 130-148.

ABREU, Antônio Suárez. *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. Trad. Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luzia Néri. São Paulo: Ed. Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Some Universals in language usage. Cambridge Univer. Press: 1987.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in gramaticization: the role of frequency. In: Joseph, Brian; JANDA, Richards (eds.) *A handbook of historial linguistics*. Australia: Blackwell Publishing, 2006.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *A atuação de mecanismos desencadeadores de processos de gramaticalização*. Belo Horizonte: Revista Scripta, 2000. v. 4, p. 44-59.
- CASTILHO, Ataliba T. *A gramaticalização*. Estudos lingüísticos e literários. n. 19. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1997. p. 25, 64.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DUARTE, Inês. Subordinação completiva – as orações completivas. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática de língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004. p. 595-613.
- DUBOIS, Jean. (et al.) *Dicionário de lingüística*. Trad. Izidoro Blikstein. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FARIA, Isabel Hub. Modalidade e actos de fala. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática de língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004. p. 70-81.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERREIRA LOBO, Lilia. *Pragmática e subjetivação por uma ética impiedosa do acontecimento*. v. 9, n. 2. Maringá: Revista Psicologia em estudo, 2004. p. 195-205.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática 2007.

FREITAG, Raquel Meister. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. 2003.

_____. *O papel da frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis*. Juiz de Fora: Veredas, 2003. v. 7, p. 113-132.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Polidez e preservação de face na fala de universitários. In: PRETTI, Dino. (org.) *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 323-353.

GOFFMAN, Erving. A Elaboração da face. In: FIGUEIRA, Sérgio Augusto. (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e modalidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. 2003.

_____. *Gramaticalização e dessentencialização de construções com predicados de atitude proposicional*. Niterói: Revista Gragoatá, 2006. p. 147-166

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 67-90.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Third Edition. USA: Oxford University Press Inc, 2004.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Australia: Blackwell Publishing, 2006.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. v. 1.0 Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KERBRAT-ORECHIONNI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso*. Niterói: EdUFF, 2005. p. 87-94.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA e SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LEPSCHY, Giulio C. *A linguística estrutural*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. [et al] O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

_____. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Unidirecionalidade na gramaticalização*. 2008b. (mimeo)

MIRA MATEUS, Maria Helena. (et al) *Gramática de língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Fátima. Modalidade. In: MIRA MATEUS, Maria Helena. (et al) *Gramática de língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004. p 245-254.

OLIVEIRA, M. R. A gramaticalização na repetição. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RORTY, Richard; GHIRALDELLI JR., Paulo. *Ensaio pragmatista: sobre subjetividade e verdade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 36-47.

SILVA, José Pereira (orgs.) *Gramaticalização e estudos de gramática*. Cadernos do CNLF, Ano VI, n. 8. Rio de Janeiro: CEFIL, 2003.

TAVARES, Roseanne Rocha. *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió: EDUFAL, 2007.

TRASK, R. L. *Dicionário de lingüística e linguagem*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VOTRE, Sebastião Josué; CESÁRIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004